

CARDOSO, CIRO DO ESPÍRITO SANTO

*militar; rev. 1922; ch. Gab. Mil. Pres. Rep. 1951-1952; min. Guerra 1952-1954; comte. IV Ex. 1957-1959; ch. Depto. Ger. Pess. Ex. 1959.

Ciro do Espírito Santo Cardoso nasceu em Lapa (PR) no dia 24 de agosto de 1898, filho do então tenente Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso e de Ana Fernandes Cardoso. Seu pai veio a ser ministro da Guerra de Getúlio Vargas de junho de 1932 a dezembro de 1933. Seu irmão, Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, foi revolucionário de 1924 e prefeito do Distrito Federal de 1952 a 1954.

Em 1915 *Ciro Cardoso* ingressou na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, saindo aspirante a oficial em 1918. Promovido a segundo-tenente em 1919, serviu no 7º Regimento de Infantaria em Santa Maria (RS), e no 54º Batalhão de Caçadores em São Gonçalo (RJ). Em 1921, foi promovido a primeiro-tenente.

Em julho de 1922, era instrutor da Escola Militar do Realengo quando se preparou e desencadeou uma insurreição contra o governo federal. No dia 4, o líder dos revolucionários, coronel João Maria Xavier de Brito Júnior, encarregou-o de impedir a chegada à escola do general Eduardo Monteiro de Barros, que viria assumir o comando da unidade em nome das forças legalistas. Debelado o movimento no dia 5, *Ciro Cardoso* foi preso e condenado a um ano e quatro meses de reclusão.

Devido à atividade sua e de vários membros de sua família nos movimentos revolucionários da década de 1920, o tenente *Ciro Cardoso*, considerado figura suspeita pelas autoridades, teve sua carreira militar praticamente paralisada. Somente após a vitória da Revolução de 1930 e a anistia concedida no dia 8 de novembro de 1930, foi promovido a capitão (15/11/1930).

Entre 1931 e 1932, serviu no 11º Regimento de Infantaria, em São João del Rei (MG), e entre 1932 e 1933 serviu como ajudante de ordens, sem remuneração, no gabinete do ministro da Guerra, o general Augusto Inácio Cardoso, seu pai. Em outubro de 1934 foi promovido a major, enquanto fazia o curso de aperfeiçoamento. Em 1935, voltou a servir no 11º RI em São João del Rei, e de 1935 a 1936 cursou a Escola de Estado-Maior, terminando o curso em segundo lugar. Em 1937, foi durante algum tempo instrutor-chefe de infantaria na Escola Militar do Realengo. Ainda em 1937, foi servir no estado-maior da

2ª Região Militar, em São Paulo, trabalhando ao mesmo tempo na Secretaria Estadual de Segurança Pública, de que era titular na época seu irmão, o major Dulcídio do Espírito Santo Cardoso.

Em 1938 passou a servir no Estado-Maior do Exército e de 1939 a 1940 foi chefe do estado-maior da 7ª Região Militar, em Recife. Promovido a tenente-coronel em 1940, foi nomeado comandante do Batalhão de Guardas, no Rio. Em 1942 foi promovido a coronel e, a partir de março, esteve à disposição do Segundo Grupo de Regiões Militares. Entre julho de 1943 e fevereiro de 1946, foi chefe do gabinete da secretaria geral do Conselho de Segurança Nacional, no Rio de Janeiro.

Em 1946 foi promovido a general de brigada e, após servir no Estado-Maior do Exército, assumiu o comando do Núcleo de Recompimento das Unidades-Escola, no Rio. De 1947 a 1948, foi subcomandante da 3ª Divisão de Infantaria, em Santa Maria, e entre 1948 e março de 1950 comandou a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em Resende (RJ). Em maio, foi transferido para Fortaleza, onde permaneceu até 20 de janeiro de 1951 como comandante da 10ª Região Militar.

A vitória de Getúlio Vargas nas eleições de 1950 desencadeou, em parte da grande imprensa, uma campanha contra a posse do candidato eleito. O general Ciro Cardoso, entretanto, pronunciou-se em Fortaleza a favor da posse de Vargas. Graças a essa atitude, foi convidado pelo presidente para assumir a chefia do Gabinete Militar da Presidência da República, cargo em que permaneceu de 31 de janeiro de 1951 a 10 de abril de 1952. Ao mesmo tempo, como atribuição do cargo, ocupava a função de secretário-geral do Conselho de Segurança Nacional, presidindo ainda a Comissão Especial de Faixa de Fronteiras.

Ainda no início da década de 1950, convidado a paraninfar uma turma da Escola Superior de Guerra (ESG), pronunciou um grave discurso de conteúdo anticomunista que alcançou grande repercussão. Na época, o Brasil negociava um acordo de defesa do hemisfério ocidental com os EUA, e o ministro da Guerra, general Newton Estillac Leal, colocou-se radicalmente contra os termos deste compromisso. Com a assinatura do acordo, o ministro da Guerra demitiu-se, e o general Ciro Cardoso foi chamado para ocupar seu cargo no dia 26 de março de 1952, passando a ter uma atuação efetiva de combate ao comunismo. Em agosto, foi promovido a general de divisão, e entre setembro e novembro foi ministro interino da Marinha.

Em fevereiro de 1954, ocupava ainda a pasta da Guerra quando ocorreu a divulgação do *Manifesto*, ou *Memorial dos coronéis*. No dia 8, 82 coronéis e tenentes-coronéis lançaram um manifesto dirigido à alta hierarquia militar. Entre outros protestos, os oficiais enfatizavam o inconformismo quanto ao fato de a dotação orçamentária destinada ao Exército ser inferior à das outras forças armadas, o que gerava sério descontentamento profissional, principalmente entre os oficiais menos graduados. Criticavam ainda o aumento do salário mínimo, que sofrera um reajuste de 100%, considerando-o uma “aberrante subversão de todos os valores profissionais”. Apelavam em favor do reaparelhamento do Exército, alegando que os quadros institucionais estavam ameaçados pelos comunistas, apontados como aproveitadores da desordem reinante.

O ministro Ciro Cardoso não havia transmitido ao presidente da República uma visão suficientemente clara do ponto a que chegara o descontentamento no Exército, e este fato custou-lhe o cargo. No dia 23 de fevereiro, foi exonerado e substituído pelo general Euclides Zenóbio da Costa.

Voltando à caserna, Ciro Cardoso ocupou até o final de 1954 o cargo de diretor de Ensino do Exército, no Rio de Janeiro. Entre janeiro de 1955 e fevereiro de 1956, comandou a 4ª Região Militar, em Juiz de Fora (MG). Retornando ao Rio de Janeiro, assumiu o cargo de diretor-geral do Serviço Militar em março de 1956. Em novembro, determinou a prisão do coronel Nemo Canabarro Lucas, acusando-o de ter infringido os dispositivos que vedam a manifestação política de militares da ativa. O coronel Canabarro era considerado líder da Frente de Novembro, que em 1955 defendera a legalidade constitucional sob o comando do marechal Henrique Teixeira Lott.

Em dezembro de 1956 passou a diretor-geral de Material Bélico, cargo em que permaneceu até maio de 1957. Entre março e maio desse ano fez o estágio do curso superior de guerra, e entre junho de 1957 e março de 1959 comandou o IV Exército, sediado em Recife. Em agosto de 1958, foi promovido a general de exército. De volta ao Rio em abril de 1959, assumiu a chefia do Departamento Geral de Pessoal do Exército, permanecendo no cargo até passar para a reserva, no dia 27 de julho, no posto de marechal.

A partir de então, retirou-se para São João del Rei, onde passou a dirigir a universidade local.

Faleceu em Belo Horizonte no dia 31 de agosto de 1979. Seu primo-irmão Leônidas

Fernandes Cardoso, também militar, era pai de Fernando Henrique Cardoso, presidente da República de 1995 a 2003.

Amélia Coutinho

FONTES: ARQ. GETÚLIO VARGAS; COHN, G. *Petróleo*; CONSULT. MAGALHÃES, B.; CORRESP. GAB. MIL. PRES. REP.; CORRESP. SECRET. GER. EXÉRC.; CORRESP. SERV. DOC. GER. MAR.; COSTA, M. *Cronologia*; DULLES, J. *Getúlio*; *Encic. Mirador*; ENTREV. ANDRADE, H.; FICHÁRIO PESQ. M. AMORIM; *Grande encic. Delta*; KUBITSCHKE, J. *Meu* (3); MIN. GUERRA. *Almanaque (1953)*; *Ministros da Justiça*; PEIXOTO, A. *Getúlio*; SILVA, H. 1922.